

que ali estavam estocados, pagando armazenagem, em três anos, importação calcada nos famigerados Acordos do Trigo, exemplo inédito de ajuda do mercado brasileiro à superprodução norte-americana. Claro está que a meta de produção não foi alcançada, ficando em menos de 400 mil toneladas, no ano de 1960; mas também claro está que os Acordos do Trigo, segundo os planos, foram cumpridos à risca. Tais acordos previam, entre outras coisas, facilidades para monopólios estrangeiros levantarem empréstimos no BNDE. As subsidiárias da Light e da Bond and Share, somente elas, receberam daquela organização oficial de crédito mais de três bilhões de cruzeiros: eram os chamados "cruzeiros do trigo" e a economia brasileira financiava a economia estrangeira. Os setores que interessavam essencialmente o desenvolvimento nacional, no entanto, permaneciam em segundo plano: o do carvão previa modesto aumento da produção; o do transporte ferroviário era apoiado em acelerada dieselização e na compra de material rodante no exterior. A meta do alumínio, em que estava previsto o controle do setor pelos monopólios estrangeiros, encabeçados pela Kaiser, ficou inatingida, felizmente.

A opção pelo desenvolvimento através das entradas maciças de capitais estrangeiros, suposta solução única, correspondeu a uma deformação profunda da estrutura econômica brasileira. Já em 1953, 76 a 80% do café era exportado por firmas estrangeiras, que auferiam lucros na média de 92,3%, tendo uma delas alcançado mesmo lucro de 300%. Os preços do nosso principal produto de exportação haviam ascendido, logo após a Segunda Guerra Mundial, encontrando forte resistência no mercado norte-americano: admitido o índice 100 para tais preços entre 1948 e 1952, chegariam a 143, em 1954. Mas já em 1955 caíam para 119; para 97, em 1957; para 62, em 1958; para 52, em 1959. Os preços do minério de ferro, em 1956, eram apenas 17% dos que vigoravam em 1948; mas, entre 1958 e 1959, sofreram outra queda, agora da ordem de 27%. Entre 1956 e 1960, entrou no Brasil pouco mais ou menos o mesmo valor, em capitais, segundo dados de fontes oficiais, do que o saído. Mas já entre 1960 e 1963, entravam apenas 200 milhões de dólares e saíam 600 milhões, em números globais.⁹⁸ Em 1954, o preço médio da tonelada exportada fora de 364,10 dólares; em 1955, já descambara a 144,57; em 1959, estava em 129,70; em 1962, a

⁹⁸ Relatórios da SUMOC.